

A MÚSICA COMO INSTRUMENTO LÚDICO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA – VIVÊNCIAS DO PIBID (PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA)

Camila dos Santos Gomes (UNEB)

millagoomes@gmail.com

Geane Timóteo de Oliveira (UNEB)

gtimoteo01@gmail.com

Jailma da Silva Oliveira (UNEB)

jailma88@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar a eficácia do uso de músicas como instrumento lúdico no ensino-aprendizagem de língua inglesa, tendo em vista que tal recurso, há décadas vem se configurando como um dos mais importantes instrumentos utilizados em aulas de idiomas no desenvolvimento das quatro habilidades linguísticas: *listening*, *speaking*, *reading* e *writing*. Com base no pressuposto de que a música é capaz de despertar em estudantes o interesse e curiosidade em conhecer aspectos da Língua Inglesa e proporcionar um ambiente mais acolhedor e agradável, defendemos que a música possibilita ao aprendiz aceitar, por meio da *identificação*, o estudo de um idioma estrangeiro com maior naturalidade no ambiente escolar e fora dele.

Logo, esta pesquisa é de cunho qualitativo, com suporte bibliográfico e coleta de dados com estudantes do 6º ao 8º ano do ensino fundamental II da Escola Estadual Padre Alfredo Haasler, localizado na cidade de Jacobina – Bahia, onde fica locado o subprojeto do PIBID **THE BOOK IS ON/ABOVE/UNDER/BESIDE THE TABLE: Pela Construção de Práticas Pedagógicas Reflexivas e Contextualizadas no Ensino de Língua Inglesa**. Para tal análise iremos nos debruçar sobre teóricos como Jack C. Richards e Theodore S. Rodgers (1999), Diógenes Lima (2010) e Denise Gobbi (2001).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde a implantação dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) em 1998, o ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira (LE) em escolas públicas brasileiras granjeou uma nova dimensão. Tal documento serve como ponto de referência e elemento desencadeador ao ensino-aprendizagem plural e significativa. Posta esta afirmativa, de antemão, partiremos para uma discussão da relevância da implantação do PCN de LE e por fim, trataremos das questões norteadoras ao ensino-aprendizagem específicos de Língua Inglesa como principal LE no currículo das escolas públicas brasileiras atuais.

O ensino-aprendizagem de qualquer Língua Estrangeira (LE) requer além do conhecimento de estruturas a capacidade de estabelecer relações entre o mundo linguístico e cultural que a língua materna oferece em comparação com a língua alvo. Sendo assim, os temas centrais contidos no PCN 1998 para o Ensino Fundamental são, entre outros, cidadania, consciência crítica em relação à linguagem e os aspectos sociopolíticos da aprendizagem de Língua Estrangeira. (PCN, 1998, p. 24) Tais temáticas articulam-se com temas transversais que possibilitam a aprendizagem de língua estrangeira ser entendida como um campo que intensifica e valida a experiência humana no espaço escolar contextualizado.

Para viabilizar os temas centrais acima mencionados é importante trazer em questão duas teorias como base: 1) a linguagem possui uma natureza sociointeracional; 2) o processo de aprendizagem possui um perfil sociointeracional. (PCN, 1998, p. 25) Portanto, faz-se relevante no processo de ensinar e aprender o conhecimento do que é linguagem, para assim entendermos o que é esperado com um ensino significativo. Sendo assim, o objetivo de se aprender um idioma estrangeiro é poder fazer com que este seja significativo a sua formação e que possa utilizá-la no meio social, como prêve o PCN (1998):

“O uso da linguagem (tanto verbal quanto visual) é essencialmente determinado pela sua natureza sociointeracional, pois quem a usa considera aquele a quem se dirige ou quem produziu um enunciado. Todo significado é dialógico, isto é, é construído pelos participantes do discurso. Além disso, todo encontro interacional é crucialmente

marcado pelo mundo social que o envolve: pela instituição, pela cultura e pela história. Isso quer dizer que os eventos interacionais não ocorrem em um vácuo social. Ao contrário, ao se envolverem em uma interação tanto escrita quanto oral, as pessoas o fazem para agirem no mundo social em um determinado momento e espaço, em relação a quem se dirigem ou a quem se dirigiu a elas. É nesse sentido que a construção do significado é social.” (PCN, 1998, p. 27)

Com a efetivação da Língua Estrangeira (LE) nas escolas públicas brasileiras, os esforços voltados ao ensino dessa modalidade tem sido, desde então, direcionados à habilidade de leitura. A demanda em exames de vestibular, cursos e concursos por tal habilidade exige maior conhecimento e domínio nessa área, fazendo com que as demais habilidades, em especial a habilidade oral, tenham menor evidência na prática pedagógica do professor. Contudo, sendo a aprendizagem um direito configurado em lei, acreditamos que é dever da escola buscar juntamente com o aprendiz abarcar com maior amplitude o engajamento nas quatro habilidades (listening, reading, writing e speaking), a fim de garantir uma aceitabilidade crítica dele em relação a língua estrangeira estudada. Para isso é necessário incluir nos planos de aula atividades voltadas para a prática oral já no ensino fundamental. O PCN destaca que:

“Deve-se considerar também o fato de que as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (carga horária reduzida, classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido a giz e livro didático etc.) podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas. Assim, o foco na leitura pode ser justificado pela função social das línguas estrangeiras no país e também pelos objetivos realizáveis tendo em vista as condições existentes.” (PCN, 1988, p. 21)

Ressaltamos que, parcialmente o ensino de Língua Estrangeira (LE) vem ganhando uma nova roupagem. Vem crescendo o número de profissionais atuantes formados nesta área específica, assim como, o número e diversidade de recursos tecnológicos que podem ser utilizados em sala de aula aliados ao ensino de língua. As condições de ensino já não são mais as mesmas e acreditamos que tais mudanças devem ser encaradas como fatores positivos, embora, saibamos que há muito a se fazer. Quanto às mudanças necessárias no ensino de línguas em nosso país estão, entre outras: que os aprendizes construam maior consciência do

quão relevante é a aprendizagem de um idioma estrangeiro para sua formação profissional e pessoal, a construção de sua criticidade e desenvolver autonomia em seu processo de aprendizagem, em especial na habilidade oral em consonância com a escrita. Para tal mudanças será de suma importância que as quatro habilidade sejam trabalhadas de modo diverso e contextualizado.

O aprendiz já traz consigo o conhecimento linguístico de sua língua materna, desse modo, a aprendizagem da Língua Estrangeira (LE) exigirá que esse aprendiz faça uso dos mesmos mecanismos utilizados por ele no processo de aprendizagem de sua língua materna. Obviamente, cada língua possui suas estruturas próprias, todavia, se faz necessário que o aprendiz faça uso dos mesmos mecanismos ou similares que ele fez uso no processo de aprendizado da língua materna, pois, em primeira instância esse aprendiz tentará correlacionar as estruturas de uma língua com a outra. Infelizmente tal mecanismo dificilmente é feito pelo aprendiz, uma vez que ao aprender uma nova língua ele fará primeiramente relações de distinção entre o que é conhecido e o que não é conhecido, percorrendo o sentido oposto ao que o aprendiz poderia fazer. De acordo com o PCN a função primordial da aprendizagem de uma Língua Estrangeira é: 1) aumentar o conhecimento sobre sua língua materna por meio de comparações com a língua estrangeira estudada; 2) possibilitar que o aluno a partir dos processos de construção de significado na língua estrangeira torne-se um ser discursivo na língua materna (PCN, 1998, p. 28 e 29).

Sendo assim, a aprendizagem não se constitui como algo paralelo ao que já foi aprendido na língua materna, ao contrário, é possível relacionar a aprendizagem do novo idioma com seu conhecimento de mundo e atuar como um agente discursivo em várias áreas de conhecimento, valendo-se de três mecanismos já adquiridos em língua materna: conhecimento sistêmico (as organizações linguísticas: léxico-semântico, morfológicos, sintáticos e fonéticos-fonológicos); conhecimento de mundo (refere-se ao conhecimento convencional, trazido pelo aprendiz de suas vivências externas ao ambiente escolar e armazenados na memória em fases diferentes da vida); conhecimento da organização textual (textos orais e escritos de gêneros narrativos, argumentativos ou descritivos).

“(…) a aprendizagem do inglês, tendo em vista o seu papel hegemônico nas trocas internacionais, desde que haja consciência crítica desse fato, pode colaborar na formulação de contra-discursos em relação às desigualdades entre países e entre grupos sociais

(homens e mulheres, brancos e negros, falantes de línguas hegemônicas e nãohegemônicas etc.). Assim, os indivíduos passam de meros consumidores passivos de cultura e de conhecimento a criadores ativos: o uso de uma Língua Estrangeira é uma forma de agir no mundo para transformá-lo. A ausência dessa consciência crítica no processo de ensino e aprendizagem de inglês, no entanto, influi na manutenção do status quo ao invés de cooperar para sua transformação.” (PCN, 1998, p. 40)

O emprego de uma Língua no currículo se justifica por sua relevância histórica e social, bem como, o seu uso como uma língua global. É nesse ponto que nos certificamos da importância do ensino-aprendizagem da Língua Inglesa como obrigatória nas escolas públicas brasileiras, pois após a Segunda Guerra Mundial, essa língua ganhou prestígio e passou a ser empregada no currículo pela sua importância no mercado global. Sendo assim, a aprendizagem de Língua Estrangeira (LE) proporciona a interação com um novo mundo social diferente daquele que a Língua Materna proporciona e forma não somente um aluno, mas um cidadão que age e interage em outro idioma que não o seu.

2.1. IDENTIFICAÇÃO

Desenvolver uma prática docente contextualizada significa proporcionar um processo de aprendizado contextualizado para os aprendizes. Porém o maior desafio no ensino de línguas, e em qualquer outra área, é chamar a atenção do corpo alunado para a aula propriamente dita, pois muitas vezes o espaço externo à sala de aula parece, aos olhos dos aprendizes, um lugar mais interessante e estimulante que ela em si. Culturalmente construiu-se a imagem de que a sala de aula é um lugar chato e o ato de estudar é além de chato, difícil. Porém, no contexto atual brasileiro, estudiosos na área de ensino reúnem esforços na tentativa de desmistificar tais mitos.

Objetivando tornar as aulas mais atrativas para os alunos, a ludicidade pode e deve ser aplicada como método promissor no ensino de línguas estrangeiras, em especial a língua inglesa aqui discutida. Discutamos aqui ludicidade não apenas como jogos ou brincadeiras,

porém como todo e qualquer instrumento lúdico que possa proporcionar aos alunos o aprendizado através do prazer e até mesmo o modo como a aula é conduzida pelo professor. Ao passo que não devemos nos limitar a entender o prazer apenas como aquilo que é fisicamente prazeroso, mas entendê-lo de um modo mais amplo, como o prazer intelectual do aprendizado. Deste modo a ludicidade vem sendo estudada como um diferenciado e eficiente recurso a ser usado em salas de aula.

Segundo Nogueira (2007) e Nunes (2007), a ludicidade configura-se como um rico e eficaz recurso de ensino, pois proporciona uma aprendizagem mais efetiva. Sendo assim, podemos afirmar que os instrumentos lúdicos proporcionam maior aproximação do objeto estudado aos alunos, o desenvolvimento das habilidades cognitivas e afetivas, os alunos apresentam melhora no processo de assimilação de conteúdo, aprimoram a criatividade, apresentam aumento da autoestima e ainda a melhora de conduta em sala de aula. Contudo, um aluno que tem a ludicidade como recurso usual em seu processo de aprendizagem é um aluno mais autônomo e confiante.

Para Nogueira o lúdico é capaz de estimular os alunos na aquisição/aprendizagem de uma língua estrangeira, sendo capaz de impactar no aprimoramento das quatro habilidades linguísticas comumente exigidas de um falante “fluente” da língua: reading, writing, listening, speaking e da compreensão. Para ela:

“A ludicidade deve ser usada como um recurso pedagógico, pois o lúdico apresenta dois elementos que o caracterizam: o prazer e o esforço espontâneo. Ele integra as várias dimensões da personalidade: afetiva, motora e cognitiva.”. (NOGUEIRA, Zélia Paiva, 2007, pag. 4.)

Ou seja, os instrumentos lúdicos proporcionam aos alunos o prazer e também a responsabilidade por seu processo de aprendizagem, pois ao dar as “rédeas” ao aluno ele será parte responsável por seu aprendizado e deverá saber lidar com seus próprios limites e dificuldades. Atividades que possam envolver o aluno de modo a proporcionar neles maior *identificação* fará com que eles se aproximem do objeto estudado, internalizem as informações estudadas e assimile os conteúdos estudados de maneira mais eficaz e agradável. Porém o uso indiscriminado de tais recursos podem não proporcionar os resultados esperados na aquisição de qualquer idioma.

“Através da ludicidade os alunos são capazes de explorar sua criatividade, melhorando sua conduta no processo ensino-aprendizagem e sua auto-estima. Para tanto o professor deve estar preparado para realizá-la em sala de aula, com uma certa disciplina para que ela não seja banalizada.” (NOGUEIRA, 2007, pag. 6.)

Portanto ao apresentar uma nova dinâmica em sala de aula o professor oferece ao aluno um ambiente e experiência das quais o aluno se sentirá mais familiar. E para tal processo é necessário que este aluno possa se identificar com o objeto estudado. A fim de proporcionar maior *identificação* dos alunos com as aulas de língua a música vem sendo usada a décadas como forte recurso de ensino. Porém como as atividades lúdicas não podem ser desenvolvidas de qualquer maneira, pois o professor deve estar preparado para trabalhar tal instrumento, deve-se considerar que o uso indiscriminado da música em sala de aula também não será eficiente. Se trabalhado de modo a extrair todo potencial que tal recurso proporciona no ensino de língua o processo de aprendizado será eficaz e o professor conseguirá cativar seus alunos.

2.2. MÚSICA E LUDICIDADE

As músicas fazem parte da vida dos seres humanos a mais tempo do que a própria linguagem falada, e elas embalam momentos significantes na vida de cada um. Uma canção sempre representará um momento importante da vida de alguém e independente da cultura a qual determinada canção faça parte, ela terá função significativa à alguém e atribuirá lembranças que marcarão sua vida eternamente. Décio Torres Cruz (Professor da Universidade Federal da Bahia e da Universidade do Estado da Bahia) afirma que:

“Sabemos que a música é uma arte. Como tal, constitui uma linguagem internacional, independentemente do fato de possuir uma letra ou não. A grande maioria das pessoas, com raríssimas exceções, gosta de ouvir músicas. A música nos toca de diversas maneiras:

desperta nossas lembranças e associações a determinados momentos, liberta nossas emoções e aguda nossos sentidos. Subitamente, ao som de uma melodia, certos fatos de nossas vidas são rememorados e determinadas pessoas se presentificam. A música tem o poder de dominar a nossa alma e, com o seu fascínio, ajuda a quebrar algumas barreiras que possam dificultar o aprendizado. Assim, pode ser uma grande aliada ao aprendizado de línguas estrangeiras, não só em seu uso em atividades de relaxamento (sem letra), como auxílio na diminuição do filtro afetivo, mas principalmente quando possui letras na língua de estudo. É uma maneira excelente de se praticar compreensão oral (listening comprehension) e de se aprender: vocabulário, pronúncia de palavras, padrões de entonação, gírias, expressões idiomáticas e estruturas gramaticais de todas as espécies. Além disso, o tema da música pode servir como tópico de discussão para a prática de conversação e para o desenvolvimento da escrita. (CRUZ, apud CÂNDIDO, 2010, p. 61).

Nota-se que a música pode ser uma ferramenta de aprendizagem muito importante para o desenvolvimento de habilidades em língua inglesa, tornando esse processo eficaz e prazeroso. Rebecca Oxford e H. Douglas Brown (2007) afirmam que as estratégias de aprendizagem são ferramentas importantes, usadas para ativar e desenvolver a competência comunicativa de forma apropriada para auxiliar e sustentar a autoconfiança do estudante na aprendizagem em sala de aula. Porém devemos ressaltar que qualquer estratégia deve ser trabalhada regularmente e adaptada, se preciso, para obter-se êxito.

Muitos pesquisadores reconhecem a música como um eficaz meio de desenvolvimento da mente humana, promotor do equilíbrio, proporcionador de um estado de bem-estar, facilitador da concentração e do desenvolvimento do raciocínio. Em sua pesquisa de experimentação sobre as estratégias de aprendizagem de línguas e sua relação com o uso da música, Oxford (1990) selecionou quatro músicas em inglês para serem analisadas e trabalhadas em sala de aula junto aos alunos. Foi aplicado aos alunos um questionário sobre a importância da música no ensino da língua inglesa, a fim de descobrir suas impressões acerca das atividades musicais realizadas em sala de aula. Os resultados dessa pesquisa apontaram para o fato de que a música é uma das estratégias evidentes na aprendizagem de línguas e que cabe ao aprendiz dispor de tempo para ouvir música na língua estrangeira estudada para melhor desenvolver a produção oral.

Segundo Lima (2004), devemos usar músicas em inglês visando à diversidade cultural, mostrando as diferenças entre as nações/culturas e tomando cuidado para não reforçar preconceitos. Além dos objetivos culturais, as músicas no ensino de inglês podem ser usadas

também para ensinar: *listening*, vocabulário, tópicos gramaticais, leitura, expressão oral, produção de texto e ortografia.

“O uso de objetivos culturais proporcionará uma imersão do estudante em diferentes culturas e, ao mesmo tempo, poderá ser associado a objetivos didático-pedagógicos secundários, direcionados às competências como *listening, speaking, reading, and writing*, na mesma atividade com canções”. (Lima, 2004, p. 22.)

Oxford (1990) aborda que o aprendiz deve estar imerso na cultura do idioma estudado para que possa aprender a língua desejada. Para que isso aconteça é preciso além do estudo nas escolas ou universidade, uma dedicação maior fora desses locais. Sendo assim, a fim de criar uma extensão de estudo da língua fora da sala de aula o aluno pode começar estudando o Inglês de forma mais lúdica, como por exemplo praticar letras de músicas em Inglês, analisar, ouvir e cantar, ler regularmente livros, jornais, revistas, histórias em quadrinhos, assistir filmes na língua estudada. Em resumo, o aluno deve criar suas próprias estratégias de aprendizagem para melhorar o seu progresso de aprendizagem no desenvolvimento de habilidades da segunda língua.

Já Brewer (1995) defende que a música seja um recurso fundamental quanto ao aprendizado de uma nova língua. Ele assegura que as canções são fortes aliadas nesse processo porque elas provocam um estado de motivação e relaxamento energizando as atividades e criando ambiente adequado, estimulam a criatividade, soltam a imaginação, entre outros benefícios. O autor afirma que a música contribui com a aprendizagem pelo fato de estabelecer um estado positivo, construir um senso de antecipação, energizar as atividades, diminuir a tensão, inspirar, promover diversão, unir os grupos, aumentar a atenção e a memorização, dentre outros benefícios.

De acordo com Lima (2004), as canções podem ser fortes aliadas para a aprendizagem porque elas têm como missão divertir, denunciar, contar histórias, fazer rir e dançar e despertar o prazer de aprender. Em meio a tantas funções, a música também pode assumir o papel de incentivadora, além de ser considerada uma linguagem universal. O aprendiz independente de raça, idade ou crença pode encontrar nela uma motivação para aprender a língua alvo. A música como aspecto lúdico influencia diretamente no processo de aprendizagem do aluno, constituindo-se como um meio integrador, motivador e facilitador

deste processo. Tal recurso como atividade criativa pode estimular o desenvolvimento da capacidade afetiva e cognitiva do indivíduo, compondo-se como um excelente recurso estimulador da leitura de textos. E já que as atividades lúdicas são todos e qualquer movimentos que tenham como objetivo produzir prazer e diversão ao praticante, a música equivale a uma recurso de ensino lúdico e diferenciado.

3. DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

O projeto será executado na Escola Municipal Padre Alfredo Haasler, localizado na cidade de Jacobina em turmas do 6º ao 8º ano do ensino fundamental II como atividade do subprojeto do PIBID **THE BOOK IS ON/ABOVE/UNDER/BESIDE THE TABLE: Pela Construção de Práticas Pedagógicas Reflexivas e Contextualizadas no Ensino de Língua Inglesa.**

Durante o período de cinco meses foram realizadas observações por três bolsista do referido subprojeto cada uma alocada em turmas específicas, a fim de investigar as dificuldades de aprendizado e qual mecanismo de ensino seria apropriado para despertar interesse dos alunos em relação a disciplina. Diante das observações e conversas constantes com a professora regente, opta-se por incluir as quatro habilidades da Língua (listening, writing, speaking, reading) utilizando com base a pesquisa qualitativa;

“(...) tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento (...). A pesquisa qualitativa supõe o contato do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo.” (LUDKE & ANDRÉ, 1986, P.11)

Esse modalidade de pesquisa, oportuniza ao pesquisador estar em contato direto com o ambiente da sala de aula, bem com os sujeitos, assim no decorrer do processo de observação foram tomadas notas de todos os acontecimentos ocorridos em sala de aula, a relação entre

professor aluno e aluno professor, com o intuito de identificar o porquê do desinteresse e descomprometimento na disciplina. Feita a observação e selecionado o projeto a ser aplicado, o segundo passo é partir para a aplicação do questionário estruturado, cujo objetivo será angariar respostas quanto ao interesse dos alunos referente aos gêneros musicais e a partir dos dados do questionário executaremos um projeto de intervenção, trabalhando e discutindo a música com instrumento lúdico no ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. Após realizar a intervenção será feita a análise e triangulação dos dados obtidos, finalizando com um questionário semi-estruturado, o qual obteremos retorno dos alunos quanto a eficiência e/ou a ineficiência da música como instrumento lúdico, confirmando funcionalidade da música no âmbito escolar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi percebido nas atividade de intervenção que os alunos da escola possuem um perfil de preferências musicais muito similares. Em sua grande maioria as turmas optaram pelo estilo musical reggae ou rock, ficando em terceiro lugar o estilo gospel. Ao responder o questionário os alunos em grande parte afirmaram apreciar músicas estrangeiras e também o uso delas em salas de aula. Afirmaram ainda que acreditam ser possível aprender língua inglesa na escola e que desenvolver atividade com uso de músicas torna as aula muito interessantes e divertidas. Em contrapartida, os alunos afirmaram que ao ouvir músicas em inglês não possuem o habito de estudar a letra ou procurar o significado de palavras desconhecidas deles no dicionário.

No desenvolvimento da intervenção de experimentação os alunos se mostraram animados inicialmente com a ideia de trabalhar com música e o vídeo clip, porém eles não deixaram de brincar ou conversar no início do desenvolvimento da atividade. Custou aos alunos se acalmarem e dedicar sua concentração à aula e atividade proposta. A atividade constava em preencher os espaços em branco que estavam faltando na letra da música enquanto eles a escutava ou assistia ao vídeo. Durante a atividade foi constatado que os alunos sentem grande dificuldade para compreender a fala e acompanhar a letra da música no papel.

Outro fator negativo para o desenvolvimento de atividades com uso de música em sala de aula é que para os alunos trabalhar música não é aula. Eles devem apenas preencher os espaços em branco para a atividade ser dada um valor e cumprir com a atividade, porém eles não estariam de fato estudando. Desmitificar tal crença é um desafio a ser trabalhado por professores de língua estrangeira, pois a música é um instrumento rico e lúdico que pode ser trabalhado em salas de aula de língua inglesa e que possui grande potencial para o êxito no processo de ensinagem.

Diante de tais fatores observados podemos pontuar que o uso de músicas no ensino de língua inglesa continua sendo uma estratégia muito válida, pois cativa os alunos a prestarem mais atenção na aula, mesmo que não todos os alunos, e motiva-os a serem mais participativos. Porém o que entra em questão é como usar tal recurso, já que apesar de ser um ótimo instrumento de ensino caso mal utilizado ele não surtirá os efeitos esperados e os alunos não terão êxito em seu processo de aprendizagem. Não adiante haver um bom material se o professor não sabe como administrar e utilizar tais materiais. Sendo assim, percebemos que a prática em sala de aula aliada ao uso de músicas deve ser constantemente repensada e atualizada, caso contrário o professor estará dando uma aula “tradicional” com apenas uma nova roupagem, e não proporcionando um ensino primordialmente moderno e inovador.

5. REFERÊNCIAS

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ALMEIDA, Anne. **Ludicidade como instrumento pedagógico.** Disponível em: <<http://www.cdof.com.br>>. Acesso em: 08 jun. 2007.

BREWER, C. **Music and learning: Seven ways to use music in the classroom.** Tequesta, FL: Life Sounds, 1995.

Diógenes Cândido de Lima. **Aprendizagem de língua inglesa: histórias refletidas** (2010)

LIMA, L. R. **O uso de canções no ensino de Inglês como língua estrangeira; a questão cultural**. 1 ed. Salvador: EDUFBa, 2004, v. 1, p 173 -192.

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo. EPU, 1986.

NOGUEIRA, Zélia Paiva. **“Atividades Lúdicas no ensino/aprendizagem de Língua Inglesa”**. UEL, 2007. Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br>>. Acesso em: 24 de abril de 2014.

NUNES, Ana Raphaella Shemany Carolino de Abreu. **O lúdico na aquisição da segunda língua**. Uniandrade, 2007. Disponível em: <<http://www.linguaestrangeira.pro.br>>. Acesso em: 05 de Julho de 2014.

OXFORD, de Rebecca L. **“Language Learning Strategies in a Nutshell: Update and ESL Suggestions”** Book **“Methodology in Language Teaching: an anthology of Current Practice”**, edição Jack C. Richards e Willy A. Renandya.